



Simpósio de Integração Acadêmica

“Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável”

SIA UFV 2023



Relato de experiência da participação dos estudantes do PIBID na Olimpíada Nacional em História do Brasil pela Effie Rolfs

Higor Sgamatti Ribeiro; Prisscila Ribeiro Dorella; João Pedro Santiago Casazza - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa

Palavras-chave: Olimpíada de História; E.E. Effie Rolfs; Metodologia Ativa.

Tema central

No primeiro semestre deste ano, realizamos pela primeira vez na história do Departamento de História a Olimpíada Nacional em História do Brasil—ONHB. Fizemo-la como um dos projetos desenvolvidos pelo núcleo do PIBID da E.E. Effie Rolfs. A olimpíada é uma competição promovida pela Universidade Estadual de Campinas—UNICAMP, é realizada em sete fases e sua prova tem um perfil diferente da que os estudantes estão acostumados; as fases online possuem dez questões fechadas e quatro alternativas, sendo três verdadeiras; cada uma delas vale uma porcentagem de pontos, sendo que a mais pertinente é a que vale mais. A tarefa é sempre uma habilidade exigida ao historiador em seu ofício como, por exemplo, na 4ª fase, em que os estudantes devem transcrever um documento histórico manuscrito. A Olimpíada é feita em equipes compostas por um professor-orientador e três alunos, o primeiro pode estar em várias equipes e os segundos não.

Em toda edição, a olimpíada tem um tema e nesta foi “povos indígenas”, como uma forma de resposta à crise humanitária pela qual os Yanomamis passaram no início deste ano.

Resultados

Os resultados estão aparecendo conforme o tempo passa. Cada estudante apresenta resultados diferentes e específicos. Recentemente, pude observar que uma estudante teve notas melhores durante o bimestre em que estava fazendo a olimpíada do que no bimestre seguinte. Houve uma outra estudante cujo desenvolvimento durante a olimpíada foi muito perceptível conforme passávamos de fase. Verificamos também que alguns estudantes conseguiram aprender de fato assuntos sobre a temática indígena. É possível afirmar ainda que a experiência de realizar a olimpíada foi positiva, visto que os estudantes que participaram estão formando equipes para participar da edição aberta a todos.

Conclusões

À guisa de conclusão, entendemos que a olimpíada foi uma experiência com impacto positivo no ensino-aprendizado dos estudantes que participaram. Outras conclusões exigem mais tempo acompanhando estudantes. Por fim, a experiência contribuiu para a pergunta feita pelo coordenador do PIBID no evento sobre o Novo

Ensino Médio, apesar de não esgotar as possibilidades.

A experiência também lança luz sobre uma possível nova forma de ensino e de se avaliar o aprendizado de História diferente do clássico modelo bancário.

Público alvo

Alunos dos oitavos e nonos anos da E.E. Effie Rolfs.

Justificativa

A realização da Olimpíada foi uma iniciativa dos próprios IDs, autores deste texto. Acreditamos que a ONHB tem um muito potencial para o ensino-aprendizagem de História. Além disso, em evento realizado pelo nosso núcleo fomentando o debate sobre o Novo Ensino Médio, surgiu o questionamento por parte do palestrante e coordenador do PIBID Rafael Rigolon: como avaliar habilidades? Diante disso, a Olimpíada de História surgiu como uma possível resposta e possível solução: com ela pode ser possível avaliar e ensinar habilidades.

Objetivos e metodologia

Logo, a participação na competição tinha por objetivo complementar o ensino de História e responder a esta pergunta surgida em nosso evento. A metodologia que utilizamos para realizar a olimpíada se desenvolveu em função da compreensão que tínhamos de nosso papel enquanto professores-orientadores e também do perfil de estudantes que estavam participando.

Em relação ao primeiro ponto constatado, entendemos que nosso papel era induzir os estudantes a terem uma postura diante das fontes que apareciam na prova e diante das informações que não sabiam, bem como auxiliá-los a compreender ideias ou conceitos complexos que apareciam, sempre provocando-os a serem proativos no processo. Os e as estudantes que participaram tinham uma faixa-etária menor em relação a idade média geral da competição - que é composta majoritariamente de estudantes do Ensino Médio. Por isso, entendemos que tínhamos de ser mais presentes para ajudar os estudantes a entenderem a dinâmica da prova. Neste momento, tentamos fazer com que as pessoas participantes desenvolvessem um olhar crítico para as fontes, uma postura proativa diante de algo que não sabem, que conseguissem relacionar as informações que dispunham, percebendo quando os assuntos tinham diálogo uns com os outros ou com o tempo-presente.

Por fim, realizávamos um encontro semanal com todas as equipes, na qual discutíamos as questões mais difíceis ou ajudávamos com as tarefas. Neste momento, tentávamos promover o debate entre as pessoas participantes, afim de que desenvolvessem a habilidade de falar e construir uma argumentação.

